

---

## Representações da velhice: uma análise dos desenhos de crianças, antes e depois de uma ação educativa gerontológica

Mônica de Ávila Todaro<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-7777-925X>

Meire Cachioni<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5220-410X>

### Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as representações da velhice em desenhos de crianças. O referencial teórico adotado está pautado em Vygotsky e Moscovici e considera o espectro sociocognitivo de suas teorias. Parte-se do princípio de que as crianças não desenharam apenas o que veem, mas o que sentem, somado ao que ouvem. A pesquisa de campo foi, assim, realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental e teve como participantes 32 meninas e 34 meninos. O procedimento previu a coleta dos seus desenhos antes e depois de uma ação educativa gerontológica baseada na audição de livros infantis com personagens idosos. Caracterizada como uma pesquisa-ação, a investigação está vinculada a aspectos sociais e considera tanto os interesses científicos e acadêmicos das pesquisadoras quanto os sentidos que as crianças atribuem às pessoas idosas. Para a análise, de abordagem quali-quantitativa, características físicas, emoções, vestimentas, contexto, atividades e interação social foram correlacionadas ao gênero dos participantes. Diferenças significativas foram encontradas entre os gêneros, com destaque para as meninas que representaram uma velhice mais positiva. Os resultados sugerem a necessidade de novos olhares em relação a essas impressões.

*Palavras-chave:* Representação social; Velhice; Desenhos de crianças.

---

### Representations of old age: an analysis of children's drawings, before and after a gerontological educational action

### Abstract

The aim of this article is to analyze the portrayals of old age in children's drawings. The adopted theoretical framework is based on Vygotsky and Moscovici and considers the sociocognitive spectrum of their theories. It is assumed that children draw not only what they see, but what they feel, added to what they hear. Thus, this field research was carried out in a public Elementary School and had 32 girls and 34 boys as participants. The procedure consisted of gathering their drawings before and after a gerontological educational action based on listening to children's books which depict elderly characters. Characterized as an action research, this investigation is linked to social aspects and considers both the scientific and academic interests of the researchers and the senses that children attribute to the elderly. For the analysis, which is of a quali-quantitative nature, the physical characteristics, emotions, clothing, context, activities, and social interaction were correlated to the gender of the participants. Significant differences were found between genders, with emphasis on girls who represented a more positive depiction of old age. The results suggest the need for new approaches regarding these impressions.

*Keywords:* Social representation; Old age; Children's drawings.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Programa de Pós-Graduação em Educação, São João del-Rei – Minas Gerais, [mavilatodaro@ufsj.edu.br](mailto:mavilatodaro@ufsj.edu.br).

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, São Paulo – São Paulo, [meirec@usp.br](mailto:meirec@usp.br).

---

## Introdução

A criança não desenha apenas o que vê, mas o que sente, somado ao que ouve. Consideramos o desenho como uma atividade expressiva, ou melhor, como um dos meios utilizados pela criança para expressar sua vivência emocional. Nesse sentido, desenhar propicia a objetivação do plano mais interno, profundo e oculto do pensamento. Partimos do pressuposto de Vygotsky (1990) de que as imagens servem de expressão interna para nossos sentimentos. Ainda de acordo com o autor, “[...] a emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens” (VYGOTSKY, 1990, p. 21).

A premissa da solicitação de um desenho prospectivo de si diz respeito ao fato de que a criança projeta uma representação: a forma como se vê na velhice, assim como expressa a percepção mais próxima do sentimento que tem de si mesma quando ficar velha. A teoria das representações sociais, de Moscovici (1978), embasa nosso estudo porque oferece a possibilidade de mostrar uma realidade, da qual muitas vezes não nos damos conta, em suas relações entre pensamento social e individual. Os desenhos são, no entendimento de Vygotsky (1990), recursos que expressam representações. Portanto, o desenho, como um instrumento potente para explicitar os aspectos icônicos da ideia de velhice, na busca de equivalência entre conceito e imagem, é uma representação. De acordo com Silva *et al.* (2010), quando se trata do teste da figura humana:

A linguagem gráfica é a que está mais próxima do inconsciente e do ego corporal; Ao contrário da linguagem verbal, mesmo tendo dificuldade em se expressar pela fala, o indivíduo pode realizar o teste; Seu conteúdo sofre menor influência do consciente, sendo possível melhor expressão do inconsciente, pois os desenhos, na maioria dos casos, tratam de uma linguagem simbólica (SILVA *et al.*, 2010, p. 61).

O desenho da figura humana, como linguagem gráfica representativa da experiência futura da velhice e, por conseguinte, como uma linguagem simbólica, pode revelar os sentidos

atribuídos à velhice pelas crianças. A velhice, como última fase do ciclo de vida, é delimitada por eventos de natureza múltipla. Existem diferentes formas de viver a velhice, de acordo com as condições sociais, culturais e históricas nas quais experienciamos o processo de envelhecimento. Precisamos, assim, começar a pensar na(s) diferença(s) entre pessoas idosas, desde a infância. Em uma análise social, temos, no Brasil, o contexto de envelhecimento da população. Por isso, questionamo-nos: O que a criança representa, por meio de desenhos, quando é convidada a pensar sobre a sua velhice?

Nosso objetivo geral, neste artigo, é analisar os desenhos feitos por crianças de uma escola pública, considerando-os como representações da velhice, antes e depois de uma ação educativa gerontológica (intervenção). Os objetivos específicos são: realizar uma revisão da literatura acadêmico-científica sobre a temática; e analisar, à luz da teoria, os resultados encontrados, a fim de verificar a contribuição da intervenção nos sentidos atribuídos à velhice pelas crianças participantes.

A abordagem metodológica da pesquisa, de caráter intervencionista, vai ao encontro da definição de Thiollent (2011, p. 16), caracterizando-se com uma “[...] ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada”. Por meio da pesquisa-ação, “[...] pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o ‘nível de consciência’ das pessoas e grupos considerados” (THIOLLENT, 2011, p. 16).

Este texto está dividido nas seguintes seções: revisão da literatura, que traz as pesquisas que adotam a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978) como aporte teórico metodológico e/ou os desenhos como recursos que expressam representações (VYGOTSKY, 1990); método, resultados e análise. Ao final, tecemos as conclusões às quais chegamos.

### Revisão da literatura

Pesquisas sobre as representações sociais da velhice são necessárias como resposta às novas demandas do envelhecimento populacional brasileiro. De acordo com Oliveira *et al.* (2011, n.p.), nas publicações internacionais, por exemplo, a temática das representações sociais

parece ser “[...] profícua para novos estudos, na intenção de compreender melhor as características desse pensamento cotidiano do senso comum”. As crianças são afetadas pelas representações de velhice predominantes na sociedade e, desse modo, elas constroem suas ideias sobre ser idoso.

Estudos atuais indicam e reforçam a potência do desenho como instrumento para investigações no campo das representações, sobretudo em estudos junto a crianças. O desenho, como recurso metodológico, vem mobilizando pesquisadores no meio acadêmico por favorecer o acesso aos conteúdos subjetivos, na intenção de garantir novas possibilidades de compreender como as crianças produzem sentidos sobre a realidade que as rodeiam.

Em uma revisão da literatura científica sobre o tema, selecionamos as pesquisas que adotam a teoria das representações sociais como aporte teórico metodológico e/ou o desenho como instrumento de coleta de dados. Lichtenstein *et al.* (2001) desenvolveram um estudo cujo objetivo foi determinar se o uso do material de ensino *Positively Aging*<sup>®</sup> por professores regulares em sala de aula poderia alterar as imagens de idosos dos alunos do Ensino Médio. O programa *Positively Aging*<sup>®</sup> é um conjunto de materiais de ensino interdisciplinares que usam exemplos de geriatria e gerontologia para ensinar adolescentes.

Alunos de duas escolas do Ensino Médio de *San Antonio*, Texas, Estados Unidos, foram convidados a desenhar uma pessoa idosa. Esses desenhos foram codificados como retratos positivos, neutros ou negativos de idosos. Uma escola usou os materiais *Positively Aging*<sup>®</sup> como parte do currículo, e a outra escola serviu como controle. Dos 782 desenhos da escola de intervenção, 34% foram mais positivos no Tempo 2, em comparação a 25% dos 591 desenhos da escola de controle. Além disso, apenas 20% dos segundos desenhos da escola de intervenção foram mais negativos do que o primeiro desenho em comparação a 27% da escola de controle. Esse estudo demonstrou que o uso dos materiais e das atividades de ensino levaram os alunos do Ensino Médio a uma visão mais positiva dos idosos. Os resultados sugerem que materiais didáticos interdisciplinares, baseados em geriatria e gerontologia, podem ser desenvolvidos e testados com sucesso em sistemas de escolas públicas para afetar as atitudes em relação ao envelhecimento.

Lichtenstein *et al.* (2005) consideram o desenho como a concepção do conhecimento na qual a pessoa apresenta as suas ideias, os seus pensamentos e as suas experiências vividas. A pesquisa foi realizada com adolescentes, e o objetivo foi determinar se as combinações de características, abstraídas de desenhos de idosos feitos por alunos, agrupavam-se para formar percepções coesas ou estereótipos do envelhecimento humano. A amostra foi composta por 1.944 alunos de duas escolas de Ensino Médio em *San Antonio*, Texas. Análises correlacionais e fatoriais foram utilizadas para determinar se havia uma estrutura ou um agrupamento subjacente às características. As 49 características que emergiram dos desenhos estavam diretamente associadas à classificação dos desenhos como positivos, neutros ou negativos. A análise e a discussão indicaram que os alunos do Ensino Médio podem não ter uma visão rígida em relação às pessoas mais velhas e às mudanças associadas à idade. Mesmo assim, sugerem que intervenções sejam feitas por meio de materiais didáticos.

Lopes e Park (2007) investigaram a representação social de um grupo de crianças acerca do velho e do envelhecimento, tendo como base a teoria das representações sociais proposta por Serge Moscovici. As autoras utilizaram recursos, como: desenho, entrevista semiestruturada e brincadeira tematizada. Participaram da pesquisa 31 crianças que haviam vivenciado encontros com idosos no contexto escolar, sendo 11 com idade entre 8 e 10 anos e 20 entre 5 e 6 anos de idade. Os resultados indicaram uma representação social diversificada acerca do velho, englobando temas como características físicas, avós, doença, morte, limitações físicas, trabalho, atividades e heterogeneidade. Em relação ao envelhecimento, este é relacionado pelas crianças à passagem do tempo, a qual todos os indivíduos estão sujeitos.

Na pesquisa de Villar e Faba (2012), o objetivo foi explorar estereótipos de idosos, conforme expresso em desenhos, por uma amostra de crianças do Ensino Fundamental. Foram convidadas 60 crianças, sendo 30 meninos e 30 meninas, de 9 a 12 anos, a desenhar um jovem, uma jovem, um velho e uma velha. Os desenhos foram analisados quanto ao conteúdo. As crianças da amostra representaram os idosos de formas variadas ou multidimensionais, indicando, assim, que a imagem que eles tinham sobre os idosos era menos negativa do que a concluída em investigações semelhantes. Embora alguns desenhos tivessem conteúdo negativo,

a maioria retratava uma imagem positiva dos idosos. Além disso, alguns dos desenhos incluíam características positivas e negativas ao mesmo tempo. Comparadas às imagens de homens e mulheres jovens, as dos idosos pareceram ser mais homogêneas e menos complexas.

Dias e Miguel (2014) desenvolveram um estudo com o objetivo de analisar as representações sociais de crianças entre 8 e 9 anos de idade em relação às pessoas idosas. Os pesquisadores solicitaram a 25 crianças a elaboração de um desenho – representando uma pessoa não idosa e uma pessoa idosa – e o preenchimento de um questionário contendo estereótipos acerca dos idosos. Os resultados sugeriram que são essencialmente os aspectos físicos decorrentes do processo de envelhecimento que permitem às crianças objetivar o conceito de idoso. Ademais, os dados revelaram uma imagem multidimensional da pessoa idosa, na qual se conjugam perdas financeiras, psicológicas e funcionais, a par de alguns ganhos, essencialmente morais e afetivos.

De acordo com Robinson, Zurcher e Callahan (2015), há disparidades sobre quais fatores influenciam a visão das crianças sobre os idosos. O objetivo do estudo foi compreender as concepções do envelhecimento por meio de uma análise dos desenhos das crianças. Depois de concluírem os desenhos, as crianças foram entrevistadas para melhor compreensão e clareza das imagens desenhadas. A amostra incluiu 141 crianças de 8 a 12 anos dos Estados Unidos. No geral, as crianças produziram uma imagem geralmente positiva (84,8%), com a maioria desenhando um membro da família que era feliz, saudável, ativo e com características físicas positivas. Diferenças significativas foram encontradas entre os gêneros, pois as meninas desenhavam imagens mais positivas do que os meninos; no entanto, não houve diferenças significativas entre crianças de diferentes etnias e idades.

Vaz (2017) pesquisou sobre as atitudes das crianças com base nas análises dos seus desenhos de pessoas jovens e idosas em uma amostra de 50 crianças entre 6 e 10 anos. A pesquisadora utilizou o Desenho da Figura Humana (DFH) e a entrevista semiestruturada para a coleta de dados. A análise dos resultados obtidos permitiu verificar que as crianças representam as pessoas jovens e idosas, de um modo geral, como pessoas felizes e ativas. Entretanto, as pessoas idosas tendem a surgir mais associadas a problemas de saúde e de

locomoção, revelando a existência de uma representação das pessoas idosas como mais incapacitadas em termos físicos. Na sua maioria, as pessoas idosas são desenhadas sozinhas, sem um contexto específico.

Paulo (2018), em estudo sobre os estereótipos e as representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice, analisou as percepções das crianças de educação pré-escolar sobre o processo de envelhecimento e da velhice, assim como as percepções que os educadores têm sobre o seu papel na promoção de representações sociais positivas sobre o processo de envelhecimento e da velhice. Para isso, utilizou uma entrevista semiestruturada e o desenho livre como instrumentos de coleta de dados. Os participantes foram três educadoras (do distrito de Bragança, Portugal) e 21 crianças: 12 com 4 anos de idade (seis do sexo feminino e seis do sexo masculino) e nove com 5 anos de idade, três do sexo masculino e seis do sexo feminino. Os resultados revelaram algumas representações negativas acerca do processo de envelhecimento, mas também representações positivas. No que se refere às concepções das educadoras sobre o seu papel na formação de representações positivas com relação ao envelhecimento e à velhice, os resultados indicaram que intervenções podem ajudar a reconfigurar os estereótipos e as representações sociais acerca dessas duas características, sendo necessário que se inicie desde cedo uma intervenção, por parte dos educadores, ajudando as crianças a construir visões realistas sobre o processo de envelhecimento.

Nogueira *et al.* (2019) desenvolveram uma pesquisa com 17 crianças do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada, localizada na região sul do Brasil. Para a coleta dos dados, foram utilizadas entrevistas aliadas à elucidação gráfica (do tipo desenho temático) e contação de história. Essa pesquisa permitiu-nos desvelar as percepções das crianças acerca da identidade social das pessoas idosas e apontar que as crianças atribuem a elas dependência, sendo o envelhecimento reduzido a uma fase de fragilidades e limitações, porém oportuno para o lazer. As autoras concluíram que se torna essencial fortalecer a formação das crianças no contexto de questões relativas ao envelhecimento, a partir de ações educativas.

Rodrigues (2014) discorre sobre a existência de duas visões relativas à velhice: uma perspectiva negativa e outra positiva. A negativa associa a velhice à morte e acentua-se como

uma fase última da vida do homem, uma fase em que o homem desiste dos projetos do futuro. Isso significa que os sinais de deterioração física (cansaço, perda de memória ou diminuição da mobilidade e das capacidades de audição e visão) se impõem sobre todo o resto. Outros fatores contribuem para essa visão negativa da velhice, como a questão do isolamento ou da solidão social, como efeito da aposentadoria ou do afastamento de amigos e de companheiros. Já a visão positiva da velhice associa-a ao privilégio de chegar a idades mais avançadas.

O modo como o idoso é visto e compreendido, seja positiva ou negativamente, repercute na socialização e no processo saúde-doença dessa população (PEREIRA; GIACOMIN; FIRMO, 2015). Acreditamos que o modo como a criança representa a si na velhice também pode reverberar em uma representação comum à sociedade.

O estereótipo, neste estudo, é compreendido como uma imagem simplificada sobre os idosos, na busca de um enquadramento que retira a individualidade dessas pessoas, apagando todo um percurso de vida e de experiências, na medida em que coloca todas com as mesmas características, o que revela concepções generalizantes.

### Método

Este artigo se trata de um estudo que fez parte da pesquisa de Pós-Doutorado intitulada *Educação e diversidade etária: a importância de ler o mundo que envelhece* e do projeto maior “Ger@ções”, aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), sob o Parecer número 3.775.759. No que diz respeito aos procedimentos éticos, solicitamos aos pais ou responsáveis que assinassem um Termo de Compromisso, permitindo a análise e a divulgação dos desenhos enviados e garantindo o anonimato da autoria. Assim, as crianças assinaram o Termo de Assentimento.

A questão que nos moveu a pesquisar foi: Quais são as representações da velhice expressas nos desenhos de crianças, antes e depois de uma ação educativa gerontológica? Quanto ao método, do ponto de vista de sua natureza intervencionista, o estudo partiu de uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa e quantitativa. De acordo com Thiollent (2011, p. 18,



grifo nosso):

Uma das especificidades da pesquisa-ação consiste no relacionamento desses dois tipos de objetivos: a) Objetivo prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa. b) Objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, *representações*, capacidades de ação ou de mobilização, etc.).

Os 66 participantes desta investigação eram crianças que puderam acessar o *podcast* “Saúde dos avós”<sup>3</sup>, considerado uma ação educativa gerontológica (intervenção). Ação educativa gerontológica é uma expressão usada por Todaro (2008, p. 45) para traduzir “[...] um fazer pedagógico progressista planejado de maneira intencional a fim de transformar atitudes em relação aos idosos”. A intervenção foi baseada na audição de livros de literatura infantil cujas tramas trazem personagens idosos que vivem a velhice de modos diferentes, uma vez que são ativos, saudáveis, doentes, isolados, integrados, bem-humorados e mal-humorados.

O grupo investigado contou com a participação de estudantes de uma mesma escola do Ensino Fundamental I: uma escola pública (municipal) da capital de São Paulo, no ano de 2020. O total da amostra, 66 crianças com idades entre 7 e 10 anos, foi composto por 32 meninas e 34 meninos. As participações foram voluntárias; assim sendo, entregaram os desenhos apenas as crianças que quiseram.

No que se refere ao procedimento, solicitamos que as crianças desenhassem: “Eu, agora; eu, quando ficar idoso”. Os desenhos de si quando idosos foram analisados, antes e depois da ação educativa gerontológica, quanto aos aspectos: características físicas (cabelo, barba, rugas, peso, postura); emoções (triste, feliz, bravo, sério); vestimentas, calçados e acessórios; contexto (rua, casa, ar livre, asilo); atividades (andar, dançar, fazer ginástica, ler, jogar, cozinhar, dirigir, assistir TV, ouvir rádio); e interação social (sozinho, acompanhado).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://anchor.fm/saudedosavos>. Acesso em: 13 maio 2021.

## Resultados

A Tabela 1 traz os resultados dos desenhos de si quando idosos, antes e depois da ação educativa. Eles foram categorizados de acordo com a síntese geral dos dados coletados, correlacionando as subcategorias com a variável do gênero dos participantes. Os resultados dos desenhos de si como crianças não aparecem na Tabela 1, mas farão parte da seção de análise.

Tabela 1. Categorias e subcategorias, pré e pós-intervenção, correlacionadas ao gênero

Categorias	Subcategorias	Gênero feminino	Gênero feminino	Gênero masculino	Gênero masculino
		Pré-teste %	Pós-teste %	Pré-teste %	Pós-teste %
Características físicas	Cabelo curto	18,75	18,75	0	17,64
	Cabelo branco (cinza)	100	50	20,58	20,58
	Cabelo preso (coque ou rabo de cavalo)	81,26	18,75	0	8,82
	Careca ou com pouco cabelo	0	0	79,41	52,94
	Gordo	9,37	9,37	79,41	58,82
	Má postura	40,62	28,12	75,52	58,82
	Rugas	84,37	75	100	100
Emoções	Barba	0	0	11,76	11,76
	Triste	9,37	9,37	29,41	20,58
	Feliz	65,62	78,12	20,58	47,05
	Bravo	6,25	6,25	23,52	11,76
Vestuário e acessórios	Sério	18,75	6,25	26,47	20,58
	Roupas antiquadas	68,75	37,50	79,41	50
	Sapatos de salto	0	9,37	0	0
	Bengala	0	0	76,47	50
	Óculos	43,75	37,50	67,64	50

		Gênero feminino	Gênero feminino	Gênero masculino	Gênero masculino
Atividade	Praticar exercício físico, ler, trabalhar e cozinhar	9,37	50	0	38,23
Interação social	Sozinho	50	25	88,23	55,88
	Acompanhado (de pessoas ou de animais)	50	75	11,76	44,11
Contexto	Rua	0	9,37	0	8,83
	Casa (interior e exterior)	0	18,75	0	11,77
	Parque (ar livre)	34,37	53,12	26,47	47,06
	Asilo	0	9,37	0	11,76
	Sem contexto	65,63	9,37	73,53	20,58

Fonte: As autoras com base nos dados levantados na pesquisa de campo.

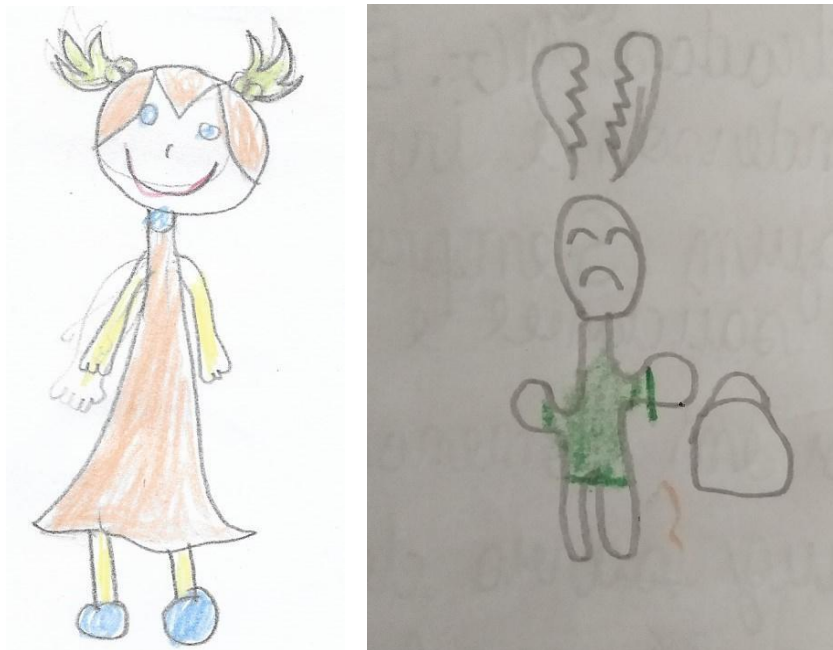
Os resultados do presente estudo indicaram que a ação educativa (intervenção) ajudou a reconfigurar os estereótipos e as representações sociais acerca da velhice, corroborando as pesquisas de Paulo (2018) e de Nogueira *et al.* (2019). Podemos afirmar isso mediante a diferença entre os desenhos feitos antes e depois da ação educativa gerontológica, assunto que tratamos na sequência.

### Análise

Em relação ao desenho de si como crianças, os resultados indicaram que 100% dos participantes (meninos e meninas) desenharam figuras felizes. Quanto ao desenho de si quando ficarem idosos, antes da intervenção, os desenhos dos meninos revelaram rostos de idosos tristes, inclusive um deles estava chorando. Em nosso estudo, as meninas desenharam a si mesmas quando idosas representando uma velhice mais positiva (rostos alegres) que a dos meninos, antes e após a intervenção. Nesse sentido, nossos resultados corroboram a pesquisa

de Robinson, Zurcher e Callahan (2015). Na Figura 1, a seguir, destacamos dois desenhos, sendo o da esquerda feito por uma menina e o da direita por um menino, os quais ilustram nossa análise.

Figura 1 - Eu, criança, feliz; eu, idoso, chorando (antes da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Ainda sobre os desenhos de si como crianças, notamos que 100% dos alunos trouxeram contextos, principalmente ao ar livre, com destaque para a presença de árvores, flores e sol. No que diz respeito à representação de si na velhice, na maioria dos desenhos, as pessoas idosas foram desenhadas sem um contexto específico, antes da intervenção, tal qual os achados de Vaz (2017). Após a intervenção, porém, os contextos variaram entre: rua, interior e em frente da casa, ao ar livre e na frente de um asilo. A análise que fizemos pode ser exemplificada pela Figura 2 que traz, à esquerda, um desenho feito por um menino e, à direita, um desenho feito por uma menina.

Figura 2 - Eu, idoso (antes da intervenção); eu, idosa, no parque (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

O uso de acessórios, como óculos e bengalas, apareceu com mais frequência nos desenhos antes da intervenção. Tal resultado nos sugere uma representação da velhice associada à incapacidade física e à dificuldade de locomoção e vai ao encontro dos resultados de Nogueira *et al.* (2019) e Vaz (2017). Depois da intervenção, sapatos de salto apareceram nos desenhos das meninas e o uso de óculos e de bengala diminuíram em termos de porcentagem. A Figura 3 que segue retrata a nossa análise por meio de dois desenhos feitos por uma mesma menina.

Figura 3 - Eu, idosa, de bengala (antes da intervenção); eu, idosa, de salto alto (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Antes da ação educativa, as meninas representaram a si mesmas como idosas, com vestidos compridos de estampas coloridas variando entre florais e bolinhas. Após a intervenção, meninos e meninas tenderam a representar a si mesmos na velhice com vestuários e acessórios menos ultrapassados. Tal achado foi ao encontro da pesquisa de Lichtenstein *et al.* (2001). Isso pôde ser identificado, por exemplo, mediante a inserção de bonés e bermudas, nos desenhos feitos pelos meninos, e vestidos mais curtos nas idosas, sugerindo que na velhice poderão vestir-se como quiserem. Na Figura 4, a seguir, vemos um desenho que mostra o sentido de nossa análise.

Figura 4 - Eu, idosa, de saia curta (depois da intervenção); eu, idoso, de bermuda e boné (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Antes da intervenção, aspectos positivos, como estar em atividades diversas, apareceram somente nos desenhos feitos pelas meninas. Após a intervenção, meninos e meninas desenharam a si mesmos(as) na velhice praticando exercícios físicos, lendo, trabalhando na horta, pescando e cozinhando. A Figura 5 demonstra o que analisamos, por meio de um desenho feito por uma menina e um desenho feito por um menino.

Figura 5 - Eu, idosa, costurando (antes da intervenção); eu, idoso, fazendo musculação (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Quanto à interação social, antes da intervenção, a maioria dos meninos desenhou idosos sozinhos. Após a ação educativa gerontológica, notamos a presença de outros idosos, de crianças, cachorros e gatos, tanto nos desenhos dos meninos quanto das meninas. Na Figura 6, podemos notar o que analisamos.

Figura 6 - Eu, idosa, conversando; eu, idoso, com um gato (após a intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Características físicas, que podem ser decorrentes do processo de envelhecimento, como rugas, má postura, peso excessivo, calvície e cabelos brancos, permitiram às crianças, em



seus desenhos, objetivar o significado de ser idoso e, portanto, a representação da velhice. Nosso estudo, nesse sentido, ratificou os resultados da pesquisa de Dias e Miguel (2014). A Figura 7 traz dois desenhos feitos por um mesmo menino.

Figura 7 - Eu, idoso, corcunda (antes da intervenção); eu, idoso (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

Todas as meninas desenharam a si mesmas como crianças com cabelos longos. Antes da intervenção, a maioria delas desenhou a si como idosa com cabelos presos com coque. Após a intervenção, notamos a presença de algumas figuras com cabelos longos e nem todas tinham

cabelos brancos ou de cor cinza. Já os meninos variaram os desenhos dos cabelos após a intervenção, com exceção para a barba que se manteve nos desenhos. Os achados sugerem que, na velhice, mulheres podem manter os cabelos compridos e pintados e que homens podem não ficar carecas e, até mesmo, usar rabo de cavalo. Na Figura 8, trazemos um desenho feito por uma menina e outro por um menino.

Figura 8 - Eu, idosa, de cabelo pintado; eu, idoso, de rabo de cavalo (depois da intervenção)



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo das autoras.

A análise mostrou-nos que os desenhos são recursos que expressam representações (SILVA *et al.*, 2010; VYGOTSKY, 1990). Por meio deles, observamos uma mudança significativa após a ação educativa gerontológica (intervenção). Corroboram essa afirmação os resultados

encontrados em pesquisas anteriores (NOGUEIRA *et al.*, 2019; PAULO, 2018), as quais revelaram a potência de ações educativas como meio de intervir nas representações de velhice, desde a mais tenra infância.

### Conclusões

Este estudo trouxe as representações de crianças, de uma escola pública, baseadas em seus desenhos da pessoa humana, a saber “Eu, hoje; eu, quando ficar idoso”. Podemos afirmar que o uso dos desenhos se revelou um adequado recurso metodológico para crianças entre 7 e 10 anos de idade. O desenho, como expressão, pode, assim, contribuir com a discussão sobre as representações sociais da velhice em crianças.

A revisão de pesquisas sobre a temática permitiu-nos concluir que as representações da velhice, correntes entre crianças, têm sido objeto de estudo de pesquisadores em diferentes países, mas que o universo acadêmico ainda se ressentia de mais pesquisas brasileiras, principalmente as feitas no espaço escolar público. Assim, nosso objeto de estudo inseriu-se nesse universo mais amplo das pesquisas sobre o tema e, especificamente, no campo de pesquisa de uma escola pública municipal.

Neste artigo, trouxemos a análise dos desenhos das crianças. Para isso, correlacionamos as subcategorias ao gênero das crianças investigadas. Este estudo demonstrou que a escuta de histórias extraídas da literatura infantil, que demonstram a heterogeneidade da velhice por meio de personagens idosos, levou os participantes a uma visão mais realista associada não somente a perdas (incapacidades físicas e isolamento, por exemplo), mas também como a ganhos (bom humor e felicidade, por exemplo).

Uma das principais limitações que percebemos no trabalho foi a amostra não ser representativa da população, visto que o número pequeno de participantes não nos permitiu obter um resultado mais generalizado. Futuramente, seria muito importante replicar este estudo em uma amostra maior, utilizando uma sessão individual com maior exploração dos conteúdos dos desenhos por meio de uma entrevista, por exemplo.

Concluimos, frente aos resultados que encontramos, que há a necessidade de uma educação para o envelhecimento desde a mais tenra idade, com o objetivo de rever os estereótipos do envelhecimento e as representações sociais da velhice, a fim de promover atitudes positivas de crianças em relação aos idosos, à velhice e ao próprio envelhecimento. É possível afirmarmos, também, que a literatura infantil é um instrumento potente de intervenção, em uma ação educativa gerontológica intencionalmente planejada, quando se pretende problematizar as representações da velhice em crianças. Diante de um contexto de envelhecimento populacional, uma educação sensível faz-se necessária para que possamos, como educadoras, seguir acreditando na construção de um mundo mais humano e, portanto, melhor para pessoas de todas as idades. Nesse caso, “[...] não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político ou cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta” (THIOLLENT, 2011, p. 18).

### Referências

DIAS, A.; MIGUEL, I. Ser idoso aos olhos dos mais novos: representações sociais de crianças sobre a pessoa idosa. In: LOPES, M. J.; MENDES, F. R. P.; SILVA, A. O. (org.). *Envelhecimento: estudos e perspectivas*. São Paulo: Martinari, 2014, p. 113-129. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11328/1499>. Acesso em: 28 maio 2020.

LICHTENSTEIN, M. J. *et al.* Do Middle School students really have fixed images of elders? *Journal of Gerontology*, [s. l.], v. 60, n. 1, p. 37-47, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/60.1.S37>

LICHTENSTEIN, M. J. *et al.* The Positively Aging<sup>®</sup> teaching materials improve Middle School students' images of older people. *The Gerontologist*, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 322-332, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1093/geront/41.3.322>

LOPES, E. S. de L.; PARK, M. B. Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 12, n. 2, p. 141-148, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000200006>

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOGUEIRA, I. S. *et al.* A identidade social do idoso na perspectiva de crianças. *Revista Brasileira*

*de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1-12, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.190185>

OLIVEIRA, K. S. A. de *et al.* Representação Social do Envelhecimento: um estudo documental. In: ENCONTRO NACIONAL ABRAPSO, 16., 2011, Recife. *Anais eletrônicos* [...]. Recife: ABRAPSO, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3foK4UP>. Acesso em: 14 maio 2021.

PAULO, C. A. M. F. *Estereótipos e representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social) – Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, 2018.

PEREIRA, J. K.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. A funcionalidade e incapacidade na velhice: ficar ou não ficar quieto. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 7, p. 1451-1459, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00046014>

ROBINSON, T.; ZURCHER, J.; CALLAHAN, C. Youthful ideals of older adults: an analysis of children's drawings. *Educational Gerontology*, [s. l.], v. 41, n. 6, p. 440-450, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/03601277.2014.983372>

RODRIGUES, S. A. R. *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens: meio urbano versus meio rural*. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, 2014.

SILVA, R. B. F. *et al.* O desenho da figura humana e seu uso na avaliação psicológica. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 60, p. 55-64, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f23e/8f9344b61fd37a31a5a82bb621466bde6fe3.pdf>. Acesso em: 8 set. 2022.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODARO, M. A. *Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos*. 2008. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VAZ, A. E. B. *Idadismo nas crianças: o que dizem os desenhos das crianças?* 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social da Saúde) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017.

VILLAR, F.; FABÁ, J. Draw a young and an older person: schoolchildren's images of older people. *Educational Gerontology*, [s. l.], v. 38, n. 12, p. 827-840, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/03601277.2011.645445>

VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Akal, 1990.

Recebido em maio 2021.

Aprovado em setembro 2022.